

LENDAS PARA/COM AS CRIANÇAS: LENDAS DO FOLCLORE BRASILEIRO

MARIA JOILMA FERREIRA DOS REIS¹; JAQUELINE DA LUZ DE CARVALHO²;
LORENA ALMEIDA GILL³.

¹Universidade Federal de Pelotas- Bolsista do PET Diversidade e Tolerância- Curso de Lic. Letras:
Português/Francês- mariajoilma.ferreira@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas- Curso de Lic. Letras: Português/Francês-
jaque.luz7@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – Professora Doutora do Departamento de História, Tutora do
PET-Diversidade e Tolerância -Orientadora-lorenaalmeidagill@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da apresentação de uma oficina realizada no segundo semestre de 2015, pelo grupo PET Diversidade e Tolerância. A oficina visava levar aos alunos de ensino fundamental, da Escola Municipal Jeremias Fróes, que participam de atividades no turno inverso na Sociedade Espírita Assistencial Dona Conceição, atividades que trabalhassem com as lendas do folclore brasileiro, uma discussão sobre a diversidade regional e a importância da tradição oral.

A atividade de extensão teve como objetivo a leitura para/com as crianças de cinco lendas do folclore brasileiro: Saci-Pererê, Negrinho do Pastoreio, Boto Cor-de-Rosa, Curupira ou Caipora e Iara. As lendas foram escolhidas de modo que pudessem representar cada região do Brasil. Assim, ao fim da oficina, todas as regiões do Brasil teriam sido contempladas, seria percebida a pluralidade cultural e algumas versões das lendas de acordo com a região.

A atividade foi pensada para levar aos alunos mais que lendas do folclore brasileiro, visava-se problematizar o preconceito à diversidade regional e a importância da transmissão oral na formação das crianças e na manutenção do folclore.

Considerando que “crianças nos primeiros anos escolares vão adquirir seus conhecimentos através da transmissão oral” (RADINO, 2001), percebe-se a importância de atividades que os permitam trabalhar a oralidade e os conhecimentos trazidos de casa tanto quanto as leituras e conhecimentos da escola.

Ao ingressar na escola, seja qual for sua idade, a criança traz consigo as marcas de seu meio cultural. Inserida em um meio familiar e comunitário, ela carrega consigo conjuntos de representações simbólicas que lhe foram transmitidas por seus pais, avós e amigos RADINO (2001).

Quanto ao folclore pode-se dizer que “é o conjunto de manifestações de caráter popular de um povo e constituem fato folclórico as maneiras de pensar e agir desse povo, preservadas pela tradição popular e pela imitação transmitidas de geração a geração” (CACHAMBU, CARLOS, FRATINI, ZACHAZESKI, ROCHA e SPOLAVORI, 2005).

Para a discussão sobre a diversidade regional, buscou-se expor às crianças a importância das lendas para suas possíveis regiões de origem,

mostrando que todas as regiões brasileiras e todas as lendas trabalhadas têm o mesmo grau de importância.

Existem as literaturas folclóricas, que atuam no setor da linguagem oral e escrita. A criança é conduzida a um mundo de fantasias, no qual o espírito repousa e encanta. O conto é um veículo educativo, usado nas mais antigas civilizações e do mesmo modo entre povos naturais, para realce dos feitos dos seus heróis e das virtudes de seus antepassados (CACHAMBU, CARLOS, FRATINI, ZACHAZESKI, FERNANDES, ROCHA e SPOLAVORI, 2005).

Pensando nesses dois eixos de discussão e, não deixando para trás, o ato de ler/contar uma lenda para os alunos, a oficina teve cinco encontros, durante cinco semanas.

2. METODOLOGIA

Inicialmente, a ministrante da oficina dirigiu-se até Sociedade Espírita Assistencial Dona Conceição para conversar com a coordenadora pedagógica, explicar a atividade e saber se eles tinham interesse e disponibilidade para recebê-la. Discutidos os pontos que seriam trabalhados, a coordenadora considerou interessante a atividade, pois trabalharia a oralidade, dando oportunidade aos alunos de falarem em sala de aula, compartilharem suas ideias e com a leitura das lendas e um pouco de dados sobre a região de origem, discutirem a diversidade regional.

Como a atividade foi iniciada em agosto e programada para terminar em setembro de 2015, trabalhou-se uma lenda por encontro. Os encontros foram pensados para funcionar da seguinte forma: leitura da lenda, discussão e momento para pintar ou escrever. A complexidade é que se percebeu que as crianças tinham muita dificuldade para ler, fosse leitura silenciosa ou para o grupo.

Partindo deste inconveniente passou-se, a partir do primeiro encontro, a usar uma metodologia que desse mais autonomia aos alunos, pois consideraria os conhecimentos deles e não os deixaria reféns de livros ou folhas, já que enfatizaria a oralidade. Tudo que foi trabalhado em sala de aula, durante esses cinco encontros, foi e passou pela oralidade. De acordo com o Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil, “em algumas práticas, se considera o aprendizado da linguagem oral, como um processo natural, que ocorre em função da maturação biológica prescinde-se nesse caso de ações educativas planejadas com a intenção de favorecer essa aprendizagem” (BRASIL, 1998, p.119).

Assim, a ministrante contava, usando não só a expressão verbal, mas também o corpo e todos os elementos que contribuissem para a compreensão da lenda. Percebeu-se que o fato de contar a lenda ou a estória de como ela surgiu contribui tanto como fazê-los ler.

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode

estabelecer relações com sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence (BRASIL, 1998, p. 143).

O fato de ter alguém lendo ou contando estórias contribui para o desenvolvimento dos alunos de forma acadêmica e pessoal.

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente o que as narrativas provocam em quem as ouve (ABRAMOVICH , 1997, p.17).

Durante os encontros a ministrante tentou incentivar ao máximo a participação dos alunos. Sendo assim, em um encontro ela lia a lenda e no outro os alunos contavam o que sabiam sobre. Além da contação das lendas, uma série disponível no *Youtube*, chamada “Juro que vi”, ajudou na visualização das cenas presentes nas lendas. Para que eles produzissem algo para expor na sala de aula, pintaram e desenharam de acordo com a lenda trabalhada.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oficina terminou em setembro de 2015, mas sua finalização não influenciou o conhecimento adquirido pelos alunos ou o momento de protagonismo, que eles tiveram em sala de aula. Uma das preocupações, no início das atividades, era que os alunos não se sentissem à vontade para compartilhar seus conhecimentos sobre as lendas, o que não aconteceu em nenhum momento. Os alunos queriam falar, contar, participar e, além disso, comentavam que contaram a lenda para os pais e que todos ficaram felizes em rememorar estórias ouvidas em sua infância.

A oficina teve início em agosto, coincidindo com o dia 22, dia do Folclore brasileiro. Assim, os alunos já tinham uma noção do que era o Folclore, sua importância e algumas lendas já conhecidas acabaram contribuindo para as atividades da oficina.

Era visível o interesse dos alunos por uma atividade que fugisse da rotina escolar e que lhes desse a oportunidade de participar mais ativamente na construção do conhecimento.

Mas qual o porquê de trabalhar com folclore e não com outras histórias? Porque era desejado que, junto com as lendas, fosse possível falar sobre o Brasil e as possíveis origens de cada lenda trabalhada. Foi pensado que junto com algumas informações sobre a região da provável origem da lenda, viesse a questão de uma ser mais importante que a outra, ou ser mais emocionante, bonita em comparação a outra. Isso não aconteceu, todos ouviram e falaram de todas as lendas sem expressar nenhuma espécie de preconceito e foram muito compreensivos a respeito da diversidade regional e do deslocamento dos brasileiros dentro do território brasileiro.

Um momento era reservado para que os alunos pudessem desenhar e pintar, além da tentativa de torná-los mais conscientes sobre as lendas que fazem parte do folclore brasileiro e lhes explicar a importância da tradição oral, pois segundo Radino (2011, p. 74):

Durante séculos, a aprendizagem foi realizada através da transmissão oral. Não existiam livros, escolas, nem a infância como a concebemos hoje. Através dos mitos, dos contos, do teatro e de todas as formas possíveis de comunicação oral e corporal, transmitiam-se valores e regras sociais.

E, se por séculos a aprendizagem por transmissão oral funcionou tão bem, por qual motivo não tentar adequá-la a sala de aula nos dias atuais? Assim recupera-se a comunicação entre aluno e professor e se contribui para uma melhora na oralidade dos alunos.

Ao fim da oficina, as produções dos alunos foram expostas na sala e, enquanto acontecia uma pequena socialização, eles deram um feedback das atividades.

4. CONCLUSÕES

Através deste trabalho acredita-se que o objeto inicial foi cumprido, que era levar aos alunos da Sociedade Espírita Assistencial Dona Conceição, um momento destinado à contação e leitura de lendas do folclore brasileiro, a discussão sobre a importância da tradição oral, principalmente quando se fala de folclore e comentários sobre diversidade regional.

É perceptível que os alunos ganharam uma autonomia que não tinham e puderam participar de maneira mais ativa de tudo que acontecia na sala de aula. Também o interesse pelo trabalho realizado e a vontade de compartilhar o conhecimento adquirido na escola com a família, mostram que os alunos souberam aproveitar as discussões.

A experiência de envolver os alunos no próprio processo de aprendizagem, a valorização dos conhecimentos já adquiridos, trazidos de casa, da rua etc., foi extremamente produtiva para a ministrante da oficina.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CACHAMBU, A; CARLOS, A. M. B; FRATINI, A.C; FERNANDES, D.R; ZACHAZESKI, L.G; ROCHA, T; SPOLAVORI, T. O folclore e a educação. **Cadernos FAPA**, Porto Alegre, n. 1, p. 53-59, 1º semestre 2005.

RADINO, G. Oralidade, um estado de escritura. **Psicol. estud.**, Maringá, v.6, n.2,p.73-79, 2001.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998, v. 3.